

## **PSICODRAMA COM CRIANÇAS: raízes, transformações, perspectivas\***

**Silvia Regina Antunes Petrilli\*\***

### **SINOPSE**

Neste artigo a autora faz um histórico do Psicodrama com crianças no Brasil discutindo sobre suas raízes, transformações e perspectivas.

### **UNITERMOS**

---

\* Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, Costa do Sauípe, 2002 Mesa redonda: Existe psicodrama com crianças?

\*\* Psicoterapeuta de crianças e adolescentes, Psicodramatista, Terapeuta de aluno e Professora-Supervisora pela FEBRAP, Supervisora de Psicodrama com crianças do Instituto Sedes Sapientiae – S. Paulo. Organizadora do livro *Rosa-dos-ventos da teoria do psicodrama*. (Petrilli, 1994) e colaboradora no livro *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo* de autoria de José Fonseca (Fonseca, 2000)

Psicodrama com crianças, Psicodrama Infantil, Psicodrama Terapêutico com crianças.

*Eu animava todas as personagens:  
cavaleiro, eu esbofeteava o duque;  
eu girava sobre mim mesmo;  
duque, eu recebia a bofetada.  
(Sartre)*

## **JOÃO E MARIA**

*Agora eu era o herói  
E o meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você  
Além das outras três  
Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e seus canhões  
Guardava o meu bodoque  
E ensaiava um rock  
Para as matinês*

*Agora eu era o rei  
Era o bedel e era também juiz  
E pela minha lei  
A gente era obrigado a ser feliz  
E você era a princesa  
Que eu fiz coroar  
E era tão linda de se admirar  
Que andava nua pelo meu país*

*Não, não fuja não  
Finja que agora eu era o seu brinquedo  
Eu era o seu pião  
O seu bicho preferido  
Sim, me dê a mão  
A gente agora já não tinha medo  
No tempo da maldade  
Acho que a gente não tinha nascido*

*Agora era fatal  
Que o faz de conta terminasse assim  
Pra lá deste quintal*

*Era uma noite que não tem mais fim  
Pois você sumiu no mundo  
Sem me avisar  
E agora eu era um louco a perguntar  
O que é que a vida vai fazer de mim.*

(João e Maria – Civuca e Chico Buarque)

**“Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega”.** Foi assim que eu me senti refletindo sobre o tema desta mesa redonda: “Existe Psicodrama com crianças?”.

Aparentemente absurda para os tempos atuais, esta pergunta traz em si um aspecto relevante. Como se fosse um retrato do desenvolvimento do psicodrama com crianças, delata a dúvida que ainda persiste sobre sua origem, identidade e legitimidade.

Há tempos já não me preocupava com esta questão e, por este motivo, foi um tanto difícil voltar a refletir para debater este assunto novamente. Quase me senti tentada a assumir o papel de advogada de defesa da “existência” do psicodrama com crianças. Estejam certos, não será exatamente esta a minha intenção.

Inspirada pelo que ensina Roberto Crema (*apud* Crema in Navarro, 2000, p.32), escritor e conferencista, **“se enfrentar o bicho foge”**, resolvi enfrentar, na esperança de contribuir para que a qualquer momento *o bicho fuja*. Assim, para esta oportunidade, reli antigos textos, busquei novos escritos e *renovei meu olhar e afeto pelo psicodrama*. Mais uma vez!

Afirmar que “psicodrama com crianças” não existe seria desconsiderar injustamente competentes trabalhos de reconhecidos profissionais brasileiros, assim como de alguns estrangeiros, pioneiros na aplicação do psicodrama em crianças, que tanto nos tem ensinado e inspirado<sup>1</sup>.

Todos sabemos que, ainda hoje, a grande maioria de psicoterapeutas, psicólogos e psiquiatras de crianças, realizaram suas formações através de forte influência das teorias e técnicas psicanalíticas, afinal, historicamente, é na psicanálise que se encontra o início de todas as psicoterapias, inclusive a de crianças. Só há bem pouco tempo é que temos tido a oportunidade de observar a inclusão do Psicodrama como matéria, bem como orientação de núcleos e estágios nas faculdades de psicologia e medicina, ainda assim, muito pouco voltados para a área de atendimento de crianças. Categorizada academicamente como especialização, a formação em psicodrama, mantém, com predominância, a abordagem de conceitos e técnicas com enfoque para atendimento de adultos. Desta forma, levando em conta o número de psicodramatistas brasileiros, poucos tem se dedicado especialmente à infância e ao

<sup>1</sup> Brasileiros tais como os de Camilla Gonçalves, Dalka Ferrari, Regina Volpe, Maria do Carmo Mazzota, Vannuzia Perez, Miriam Tassinari, Mariângela Wechsler, entre outros. Estrangeiros: Didier Anzieu, Daniel Widlöcher, Lebovici, Diatikine, Ella Mae Shearon e Eduardo Pavlovsky

aprofundamento de estudos nesta área. Poucos formadores, poucos formados, escassez de publicações, indefinição e lento caminhar. Assim eu percebo o psicodrama com crianças no Brasil, uma psicoterapia em desenvolvimento<sup>2</sup>. (Petrilli, 1995)

Para os pioneiros, não tem sido uma tarefa simples *criar* o psicodrama para o público infantil, levando em conta que o modelo original de contactos com crianças deixados por Moreno são provenientes dos resumidos relatos de seus encontros com elas nos Jardins de Viena — *Godplaying = Jogando o papel de deus* (Moreno, 1997), das experiências realizadas em família, Moreno, Zerka e o filho aos 4 anos de idade, Jonathan (Moreno, 1974, 1983) (Zerka Moreno, 1975), do Adestramento da Espontaneidade (Moreno, 1975), dos Testes e Diagramas de Papéis (Moreno, 1975) e de um protocolo do atendimento de Karl, “O Tratamento Psicodramático do Comportamento Neurótico Infantil - O método do psicodrama simbólico, Viena 1922” (Moreno, 1974, 1975).

Para a causa clínica estes são materiais inéditos e muito interessantes, pois inspiram, oferecem *novos olhares*, caminhos e procedimentos. Contudo, é material de pouca amplitude e aprofundamento para, sozinho, oferecer um suporte teórico-prático consistente ao atendimento de crianças.

A primeira publicação brasileira que sistematiza o psicodrama com crianças é o artigo de Ferrari e Leão (1984), “Psicodrama infantil: teoria e prática”, apresentado no III Congresso Brasileiro de Psicodrama, em 1982. Nele, as autoras sintetizam quase dez anos em coterapia no atendimento de crianças no Psicodrama Infantil<sup>3</sup> mostrando a viabilidade do método psicodramático para crianças tanto em atendimentos individuais como em grupo. Apesar das dúvidas que as autoras disseram manter na ocasião, considero ainda hoje, que conseguiram propor um atendimento clínico para crianças muito fiel aos princípios socionômicos de Moreno adaptando as técnicas ao público infantil segundo as possibilidades de cada faixa etária e o amadurecimento sócio-afetivo-cognitivo das crianças. Não me pareceu que tivessem grandes conflitos na prática apesar de terem tido formações, também, de base psicanalítica. Tudo fluía de forma surpreendente.

A primeira vez que tive contato com o Psicodrama de crianças foi através da cadeira de Psicodramas Especiais<sup>4</sup> no decorrer de meu curso de especialização no Instituto Sedes Sapientiae, em 1978. Neste ano, eu estava concluindo outra fascinante especialização, a de Psicoterapia Infantil Psicodinâmica, atendia crianças em clínica privada e também trabalhava como psicóloga na área educação infantil. Fiquei encantada com a proposta psicodramática aplicada às crianças e, sem qualquer titubeio, quis aprender. Mas, naquela época, nosso curso não oferecia supervisão de atendimento de crianças, por isso participei da supervisão de psicodrama com adolescentes. Sendo assim, fui fazendo por conta própria a inclusão do método psicodramático em minha prática clínica com crianças. As escassas publicações disponíveis no

<sup>2</sup> Ver artigo: “Psicodrama com crianças - Uma psicoterapia em desenvolvimento” (Petrilli, 1995).

<sup>3</sup> Posteriormente, uma das autoras, Dalka Ferrari, deixou de utilizar o termo *Psicodrama Infantil* considerando que *infantil* poderia ser entendido como uma qualidade (adjetivo) do psicodrama e não como modalidade de atendimento. Assim como ela passei a utilizar *Psicodrama com crianças*.

<sup>4</sup> Foi prática comum por muitos anos a inclusão da cadeira *Psicodramas Especiais* nos cursos de formação (especialização). Era estruturada em módulos com cerca de 4 aulas em cada um, ministradas por especialistas. Cada módulo correspondia a uma modalidade de atendimento que nem sempre era aprofundada no decorrer da formação. No Instituto Sedes Sapientiae, esta cadeira contemplava os seguintes módulos: Psicodrama com crianças, com adolescentes, com psicóticos e, posteriormente, foi incluído o psicodrama na instituição e psicodrama com famílias. Em 1978, o Psicodrama com crianças foi ministrado por Helena Marcia Gouvêa Leão e Dalka Chaves de Almeida Ferrari.

decorrer dos anos 1980 se referiam ao psicodrama analítico desenvolvido pelos franceses tais como Anzieu (1981), Widlöcher (1970), Kestenberg e Jeammet (1989), e o argentino Pavlovsky (1975, 1981). O livro de Zerka Toeman Moreno intitulado *Psicodrama de Crianças* (Zerka Moreno, 1975), pouco acrescentou em relação aos escritos originais de J.L. Moreno. Aos poucos fui ampliando a minha visão e os recursos psicoterápicos. Em seguida, tive o privilégio de ser convidada por Dalka Ferrari a acompanhar, como monitora (duas turmas, em 3 anos), as supervisões de psicodrama com crianças ministradas no Sedes. Posteriormente, juntas organizamos e administramos cursos em nossa instituição e em Congressos de Psicodrama.<sup>5</sup> Pela Dalka tenho uma enorme gratidão, pois foi ela quem, com muita generosidade, me ensinou os *segredos* do psicodrama com crianças.

Foi no III Congresso Brasileiro de Psicodrama realizado em Caiobá, 1982, que incentivada pelo querido José Roberto Wolff, apresentei meu primeiro trabalho em psicodrama: “Abordagem psicodramática de uma criança e seus pais”. Nele exemplifiquei através de um caso clínico, como o psicoterapeuta pode assumir o papel de *ego-auxiliar* de uma relação triangular: pai, mãe, criança. “*Ego-auxiliar*” de cada membro desta relação, sendo, inicialmente, uma extensão de cada um, podendo identificar-se com ele e representá-lo diante dos outros (Petrilli, 1984, pp.106-109). Este foi meu começo, uma tímida exposição. No congresso seguinte apresentei um trabalho um pouco mais ousado, “A postura psicodramática em um processo infantil e seu valor terapêutico familiar” (Petrilli, 1985). Depois, sempre estive produzindo: escritos, cursos, *workshops*, atividades em congressos, sempre abordando o psicodrama com crianças<sup>6</sup>.

Ao longo de muitos anos oscilei entre acreditar na necessidade de “purificação” do método moreniano quando aplicado em crianças e a necessidade de integrá-lo aos conceitos e práticas da psicodinâmica para preencher, o que eu considerava, lacunas do psicodrama, procurando sempre compreender o *como* fazer, da melhor maneira possível. Eu não estava sozinha. Algumas publicações da década de 80 até meados dos anos 90 revelam esta busca entre os psicodramatistas brasileiros. Uma que merece destaque é de autoria de nossa colega Vannuzia Peres (1985), “Psicodiagnóstico infantil – a utilização dos modelos psicanalítico e psicodramático. Em 1991, no I Encontro de Psicodrama da Infância e Adolescência, em 1991, apresentei meus estudos sobre psicoterapia individual com crianças propondo uma psicoterapia através da relação que articula conhecimentos de psicodrama e de psicodinâmica, uma síntese de minhas formações. Em 1992 apresentei um artigo sobre o psicodiagnóstico de crianças na prática psicodramática onde a partir de um levantamento realizado na obra de Moreno, procurei demonstrar que ele não aboliu, nem condenou, efetivamente, a prática diagnóstica como afirmavam algumas publicações brasileiras (Petrilli, 1992).

Como sabemos, a concepção moreniana de homem é a de um ser espontâneo e social. As fantásticas teorias da Socionomia de Moreno se articulam com a proposta de uma *Revolução Criadora*, isto é, de recuperar a espontaneidade e criatividade (inatas no Homem) que são dificultadas ou perdidas no decorrer do desenvolvimento pelas pressões do meio ambiente — o grupo humano mais próximo, como a família (Matriz de identidade e Átomo Social) e da rede social em que a família se insere (Rede sociométrica e social). (Wolff, Gonçalves e Almeida, 1988, p.46) As Teorias do Momento (instante, aqui e agora), Ação, Papéis, Encontro e Espontaneidade-Criatividade, norteiam, com muita propriedade, o psicodramatista na clínica com crianças. Da mesma forma podemos considerar os conceitos da Sociodinâmica inerentes às relações interpessoais, preciosamente detectados e descritos por

<sup>5</sup> Um destes trabalhos refere-se à vitimização física e sexual na família que desenvolvemos no Sedes. (Petrilli et.al. 1988).

<sup>6</sup> Trabalhos de minha autoria se encontram relacionados nas referências bibliográficas deste trabalho.

Moreno tais como *Role playing*, *Role taking* e *Role creating*, Fator *e*, Fator *tele* Tele, *Status nascendi*, *Locus nascendi*, Co-inconsciente, Co-consciente. Também são importantes os conceitos de *Acting out*, Catarse de Integração e, claro, os que se referem à Sociometria e à Psicoterapia de grupo.

Porém, não tem sido fácil obter uma unanimidade na interpretação dos conceitos e princípios socionômicos. Tomando como exemplo a obra psicanalítica de Freud, que a despeito de ter sido apresentada na literatura de uma maneira bem mais sistematizada que a obra de Moreno, ainda assim provocou uma multiplicidade de interpretações. Não é novidade para os simpatizantes do psicodrama que Moreno teve uma forma pouco sistemática de transmitir sua criação socionômica, dando brecha para que cada um de nós entendesse a teoria e prática psicodramática à sua maneira e conveniência. Basta observar a literatura nacional. Cada escritor faz uma compreensão diferente dos textos de Moreno, cada um escolhe o eixo principal da teoria socionômica, uns a teoria dos papéis, outros a matriz de identidade, outros o teatro espontâneo, e assim por diante. Embora existam convergências, temos uma multiplicidade de saberes psicodramáticos. Não vejo isto como algo negativo para o desenvolvimento do psicodrama, ao contrário, pois enquanto são demonstradas essas interpretações plurais, mais exercícios reflexivos somos convidados a praticar. O que me parece comum é que todos entendem o psicodrama (digo, a socionomia) como uma aquisição preciosa. O risco, entretanto, é que, dificultando o diálogo, se perpetue a noção de que “a minha verdade é que é verdade”, como sugere o conto zen-budista do Séc. VIII (Japão), de autoria desconhecida, intitulado *Espelho no cofre*<sup>7</sup>, que reproduzo aqui como metáfora:

*De volta de uma longa peregrinação, um homem carregava sua compra mais preciosa adquirida na cidade grande: um espelho, objeto até então desconhecido para ele. Julgando reconhecer ali o rosto do pai, encantado, ele levou o espelho para sua casa.*

*Guardou-o num cofre no primeiro andar, sem dizer nada a sua mulher. E assim, de vez em quando, quando se sentia triste e solitário, abria o cofre para ficar contemplando “o rosto do pai”.*

*Sua mulher observou que ele tinha um aspecto diferente, um ar engraçado, toda vez que o via descer do quarto de cima. Começou a espreitá-lo e descobriu que o marido abria o cofre e ficava longo tempo olhando para dentro dele.*

*Depois que o marido saiu, um dia ela abriu o cofre, e nele, espantada, viu o rosto de uma mulher. Inflamada de ciúme, investiu contra o marido e deu-se então uma grave briga de família.*

*O marido sustentava até o fim que era o seu pai quem estava escondido no cofre.*

*Por sorte, passava pela casa deles uma monja. Querendo esclarecer de vez a discussão, ela pediu que lhe mostrassem o cofre.*

*Depois de alguns minutos no primeiro andar, a monja comentou ainda lá de cima:*

*— Ora, vocês estão brigando em vão: no cofre não há homem nem mulher, mas tão-somente uma monja como eu! (Costa, 2001)*

A Teoria da Espontaneidade do Desenvolvimento Infantil onde Moreno caracteriza a dimensão relacional vincular do ser humano ao descrever a Matriz de identidade (incluindo conceitos como Zona, Foco, Matriz, Brecha entre Fantasia e Realidade, Ego-auxiliar, Papéis Psicossomáticos, Sociais e Psicodramáticos, Tele), é um dos aspectos do psicodrama que os psicodramatistas de crianças mais necessitam enquanto corpo teórico. Considerada por muitos como a teoria de desenvolvimento de Moreno, foi estudada mais detidamente em nosso meio

<sup>7</sup> Conto extraído do livro *Os 100 melhores contos de Humor da Literatura Universal* (Costa, 2001).

por Fonseca, e publicada em 1980<sup>8</sup> (Fonseca, 1980, 2000) Em minha opinião, é um estudo que devemos comemorar, pois de lá para cá, foi um dos mais referenciados nas publicações psicodramáticas brasileiras, além de ter sido incorporado na programação teórica de muitas escolas de formação em psicodrama. Através deste estudo Fonseca nos ensinou em linguagem muito acessível como se articulam os conceitos da socionomia e sua importância na prática clínica. Em suas próprias palavras...

*Aprenendo a teoria psicodramática como uma unidade em que cada conceito se relaciona com outro e todos com um. É dentro desta visão global que o homem forma a personalidade na matriz de identidade, relaciona-se por meio de papéis, faz vínculos tético-transferenciais, tem ou não encontros e libera espontaneidade em seus momentos de criatividade. Nesta compreensão, a espontaneidade é decorrência do homem em movimento, em relação. Nesta atitude, o primeiro olhar é para a dimensão relacional e o segundo para a libertação-coartação de espontaneidade envolvida no processo. Isto não significa uma desconsideração, mas uma consideração específica da espontaneidade na teoria sociométrica. Do ponto de vista prático, por exemplo, em uma dramatização, acredito que a fluência espontânea seja mais importante que resoluções formais de conflitos, embora toda resolução real de conflitos implique liberação de espontaneidade. Abrir canais de espontaneidade é a meta principal do psicodramatista (Fonseca, 2000) p. 117).*

Vale ressaltar a declaração dada por Fonseca de que suas posições teóricas em relação ao psicodrama obedecem a influências profissionais anteriores ao seu contato com o psicodrama, incluindo o referencial psicanalítico. Ao contrário de descaracterizar o psicodrama, Fonseca tem contribuído para compreendê-lo e aprofundá-lo. Mesmo não sendo um psicodramatista de crianças, acredito que seus escritos têm colaborado diretamente para o desenvolvimento do corpo teórico do psicodrama, incluindo o psicodrama com crianças.

*Minhas posições teóricas em relação ao psicodrama obedecem as influências profissionais anteriores. Quando tomei contato com o psicodrama, trabalhava com o referencial psicanalítico. Estudei Moreno, especialmente a Matriz de identidade, por uma ótica psicodinâmica. O resultado desse tipo de leitura produziu algumas idéias que ganharam corpo e acabaram sendo publicadas no decorrer dos anos. É claro que no início isso aconteceu de maneira inconsciente, e somente anos depois pude me dar conta de que tinha realizado essa fusão. A matriz de identidade de Moreno, tal como ele a apresenta, possibilita uma compreensão dinâmica do ser humano. Essa leitura torna-se consideravelmente mais completa se forem integrados elementos da psicodinâmica psicanalítica. Creio que isto é possível sem a descaracterização teórica do psicodrama. Procuro desenvolver uma psicossociodinâmica baseada na matriz de identidade, mas influenciada pela psicanálise relacional, que vem a ser, resumidamente, a parte da psicanálise que trata da dinâmica das relações (transferência e triangulação, por exemplo), sejam elas externas ou internalizadas. A psicanálise relacional descarta a parte hidráulica da psicanálise clássica que trata da circulação e do bloqueio da libido. Aceita a teoria da sexualidade infantil, despojada do exagero interpretativo, e sem a compulsividade sexual do freudismo no início do século. Deixa em posição secundária as instâncias do ego, id e superego. Sendo assim, na teoria moreniana entendo a*

<sup>8</sup> Em 1995 Fonseca complementou e atualizou este estudo que posteriormente foi publicado sob o título “Ainda sobre a Matriz de Identidade” (Fonseca 2000). Ver também em *Revista Brasileira de Psicodrama*, v.4, fasc. II, 1996, pp. 21-34.

matriz de identidade *como a porta de entrada da psicodinâmica. Há uma tentativa de fusão, como já disse...* (Fonseca, 2000 p. 116).

Outra excelente e bem-vinda contribuição para o psicodrama com crianças é o estudo realizado por Mariângela Wechsler, pois fazendo uma leitura psicopedagógica, teceu desdobramentos e atualizações da matriz de identidade numa perspectiva construtivista. Com muita competência e desenvoltura, apresentou uma correlação entre a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget e a Teoria Psicodramática de J.L. Moreno, culminando com proposta de articulação tratando-os em suas publicações como um *processo de construção da identidade sócio-afetiva-cognitiva* do indivíduo (Wechsler, 1997, 1999).

Além destes, outros estudos têm contribuído não só para a compreensão de conceitos do psicodrama indispensáveis para o psicodrama com crianças, como também para ampliar nossa visão numa perspectiva da pedagogia e da psicologia social. Dois deles faço questão de lembrar aqui. O primeiro deles, publicado no livro *Ações Educativas: vivências com psicodrama na prática pedagógica* é o artigo “A criança e seu desenvolvimento nas teorias de Moreno, Vygotsky e Wallon”, de Zilma Oliveira (Oliveira, 1997). Entre outros pontos fundamentais, a autora discute como Moreno concebe os fenômenos sociais, faz um paralelo sobre a concepção e a relação de papéis entre os três autores contribuindo para o resgate da idéia de ação partilhada como mediadora do desenvolvimento humano em contraposição à visão individualista hegemônica na psicologia no último século. Um exemplo de coincidência entre os três autores é possível exemplificar pelas palavras de Zilma Oliveira:

*... os três autores reconhecem que o processo de formação do pensamento e da personalidade deveria partir da categoria de ação comunicativa e tomam o gesto como unidade básica do comportamento. Além disso, como já apontamos, eles trabalham com a visão de papel e destacam a brincadeira infantil como locus de apropriação de papéis sociais. (p. 136).*

O segundo estudo a que me referi anteriormente é o de Domingos Brito, que com seu jeito questionador e peculiar, *língua afiada*, nos convida de forma contundente a *olhar* os conceitos psicodramáticos sob o ponto de vista das ciências sociais, evitando a redução comum que a psicologia individualista tem como hábito cultivar na prática clínica. Vejam um exemplo de como ele comenta a Matriz de Identidade:

*A Matriz de Identidade nos permite rastrear os métodos pelos quais se municiam os cérebros infantis com um monte de besteiras solenes destinadas a obstruir ou a impossibilitar sua futura consciência social. É a produção em série de marionetes treinadas para acreditar nisso ou naquilo, pensar assim ou assado e a cultivar uma cultura de badulaques inúteis.*

*Outra excelente oportunidade criada por este conceito é a de fazer a biópsia do superego, não tanto na questão sexual já tão explorada, mas nos mandamentos políticos, econômicos, raciais e categorias que automatizam e coagem as pessoas a ver o mundo e a si mesmas de maneiras predeterminadas. Estas pessoas vão agir na ilusão da liberdade, sem perceber que foram condicionadas à alienação e persuadidas a fazer o jogo cênico de uma dissimulada tragédia em curso. A compreensão mais ampla e mais histórica da matriz é apropriada para desvendar a natureza oculta dos modelos de papéis familiares, profissionais e institucionais, expondo a trama que os valida.*

*Mas a mais importante via, aberta pela idéia de Matriz de Identidade, é a da iluminação da formação das ideologias, de como as percepções do mundo se formam, conformam e se deformam ao sabor dos interesses mesquinhos e das fisiologias internas dos grupos sociais organizados (Brito, 1988, p. 128).*

A maior dificuldade para o psicodrama com crianças está na prática quando querem utilizar as técnicas clássicas morenianas que se encontram assentadas nos contextos, instrumentos e etapas de sessão, criados em sintonia com a teoria. Muitas questões levantaram dúvidas sobre a aplicabilidade terapêutica do psicodrama moreniano para a infância, tais como a impossibilidade de utilizar o método grupal e a técnica da inversão de papéis com crianças que ainda não atingiram maturidade sócio-afetiva-cognitiva para tanto, o brincar *não teatral* das crianças pequenas (jogos simbólicos e de construção, por exemplo, tão necessários para a sua formação), a falta de maturidade para a etapa do *compartilhar* característica das sessões de psicodrama clássico, entre outros pontos essenciais do psicodrama.

A título de curiosidade, vale lembrar que também na psicanálise surgiram dúvidas como estas. Na década de 20 (1920), precipitou-se a tão conhecida polêmica entre Anna Freud e Melanie Klein cujo tema foi a aplicabilidade dos princípios e técnicas da psicanálise na clínica com crianças.<sup>9</sup>

Anna Freud se contrapôs inicialmente a Melanie Klein enunciando que devido à imaturidade psíquica das crianças, a psicanálise era inaplicável na prática clínica. Seus questionamentos nesta época estavam voltados principalmente à impossibilidade de utilizar a técnica de associação livre em crianças devido às limitações de verbalização, principalmente das crianças pequenas e da tendência à ação (criança quer fazer, quer brincar), características do comportamento infantil. Também via limitações no estabelecimento da transferência, um dos pilares da análise. Contudo, os estudos apresentados por Melanie Klein enfraqueceram as bases desses argumentos ao comprovar a existência de um efetivo campo transferencial na análise de crianças e estabelecer a equivalência entre a associação livre e as técnicas de jogo. Posteriormente Anna Freud reconheceu as descobertas de Melanie Klein desvinculando a psicanálise infantil de compromissos com a pedagogia.

Vejamos Anna Freud com mais detalhes através de Eliza Santa Roza:

*Em seu primeiro livro O tratamento psicanalítico de crianças, publicado em Viena em 1926, Anna Freud considerou que o método psicanalítico era inaplicável à infância. Ela sustentava que a criança era incapaz de organizar a transferência porque os primeiros objetos de amor, os pais, ainda existiam como objetos de amor na realidade e não na fantasia, como para adultos. Por sua vez, as manifestações hostis em relação ao analista eram vistas como consequência dessa ligação positiva com os pais e não como um aspecto da transferência.*

*A autora recomendava ao analista de crianças um papel ativamente pedagógico: ensinar a criança “a conduzir-se perante sua vida instintiva”, influenciá-la no sentido de suprimir impulsos sexuais, a fim de conduzi-los em direção à sublimação. O lugar do analista deveria ser o de ego ideal da criança por toda a duração da análise, seduzindo-a inicialmente para ganhar confiança e exercendo a partir daí uma autoridade ainda maior que a dos pais. Temos nessa primeira fase de Anna Freud uma “psicanálise” cujas sessões são aulas de boas*

---

<sup>9</sup> A questão *se existe uma psicanálise de crianças*, foi novamente colocada em pauta no cenário brasileiro nos anos 80. Com a introdução do discurso lacaniano que considera a psicanálise como um saber e uma experiência clínica fundada no campo da fala e da linguagem, não existiria a possibilidade de uma verdadeira análise de crianças centrada no brincar, pensavam alguns psicanalistas. Segundo o psicanalista Joel Birman, no Brasil essas dúvidas foram expressas com muita intensidade exigindo um posicionamento crítico dos analistas de crianças. Um dos estudos para esse posicionamento resultou no livro de Eliza Santa Roza, apresentado por Birman, *Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica da infância*, cuja leitura recomendo aos psicodramatistas (Roza, 1999).

*maneiras, ministradas por um professor de etiqueta ao mesmo tempo gentil e autoritário.*

*Essa preconização de influências educativas por parte do analista, contrária às possibilidades da criança ser realmente analisada, é de certa forma herdeira das conclusões de Hermine Von Hug-Hellmuth, primeira psicanalista a ocupar-se regularmente de crianças (Roza, 1999. pp. 22-23).*

O mérito da análise sistemática da criança e a introdução do jogo na psicanálise é atribuído à Dra. Hermine Von Hug-Hellmuth que já havia começado a analisar crianças em 1917. Em 1920, assistida por Melanie Klein no Congresso de Psicanálise em Haia, a Dra. Hermine apresentou um texto, publicado somente em 1922 (Von Hug-Hellmuth, 1922) que, segundo Jean Michel Petot,

*... é um verdadeiro catálogo das razões pelas quais é impossível psicanalisar uma criança, e que justificam o emprego de um método de tratamento educativo e curativo de inspiração psicanalítica. (...) É, portanto, particularmente difícil fazer-lhe compreender o objetivo do tratamento, e metade do artigo de H. Von Hug-Hellmuth consiste na descrição dos procedimentos e das ‘artimanhas’ destinados a “quebrar o gelo”. (...) É sob essa rubrica dos procedimentos destinados a “quebrar o gelo” que H. Von Hug-Hellmuth menciona a utilização do brincar: “quando vai tratar de crianças de sete ou oito anos, o analista pode freqüentemente preparar o terreno, participando das atividades lúdicas, que lhe fornecem um meio de reconhecer numerosos sintomas, hábitos característicos e traços de caráter; e no caso destes pacientes muito jovens, o brincar, muitas vezes, assume um importante papel do início ao final do tratamento”. Mas o uso que ela faz do brincar e que recomenda não tem muita relação com o que Melanie Klein irá fazer. Hermine Von Hug-Hellmuth imagina brincadeiras e relatos para despertar o interesse da criança pelo tratamento e para fazê-la reagir (Petot, 1987, p.92).*

A razão de me alongar nesta citação poderão ser compreendidas a seguir. Vejam a quem Petot compara o trabalho da Dra. Hermine!

*Neste sentido, sua técnica não deixa de ter certa analogia com o psicodrama de Moreno, inventado por volta da mesma época, no qual Moreno decide acerca do cenário da cena em função daquilo que sabe da personalidade dos atores benévolos e lhes prescreve sua atitude interior (Petot, 1987, p.92).*

Será que Petot se refere ao relato sobre o tratamento de Karl, “O Tratamento Psicodramático do Comportamento Neurótico Infantil - O método do psicodrama simbólico, Viena 1922” onde Moreno faz uma intervenção que pretendia *corrigir* o comportamento neurótico da criança? Nesta situação Moreno utilizou uma intervenção pedagógica, típica das escolas behavioristas, mais precisamente a técnica da dessensibilização sistemática, que se refere à extinção de um comportamento, no caso, *acesso de raiva*, através de várias exposições do sujeito a situações que o desencadeavam. Esperava, como aconteceu, que Karl respondesse positivamente a sua hipótese, ou seja, esperava que com o *experimento* e a *influência do terapeuta chefe* e seus auxiliares, Karl deixasse de bater em sua mãe, mostrando que tinha uma *receptividade espontânea para correções*<sup>10</sup>(Moreno, 1974. p. 237).

<sup>10</sup> Em 1992 apresentei comentários mais detalhados sobre este protocolo comparando-o com as críticas que o próprio Moreno fez ao Behaviorismo (Pettrilli, 1992).

Sobre este protocolo, Camila Salles Gonçalves (1988) comenta:

*É preciso reconhecer que o modelo da sessão terapêutica com uma criança, realizada por Moreno, no espaço fechado da clínica, está em desacordo com suas pregações sobre a espontaneidade. Penso até que desviou de sua verdadeira função os egos auxiliares que preparou, com papéis “psicodramáticos” previamente determinados para tentar fazer desaparecer um “comportamento neurótico infantil” (Gonçalves, 1988, p.127).*

Depois de citar dois exemplos de atendimento da Dra. Hermine, Petot conclui:

*Assim, a técnica de Hermine Von Hug-Hellmuth não visa um efeito especificamente psicanalítico — o de um tratamento padrão — mas fundamenta-se sobre o princípio daquilo que, no domínio do xamanismo, o etnólogo Claude Lévi-Strauss denominará mais tarde de “eficácia simbólica”. Neste sentido, sua técnica do brincar parece antecipar diretamente a técnica do psicodrama psicanalítico da criança, tal como foi descrito por Didier Anzieu, muito mais do que a técnica psicanalítica do brincar de Melanie Klein (Petot, 1987. p.94).*

Bem, voltando ao psicodrama...

Em seu livro *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, cuja primeira versão em alemão data de 1959, Moreno (1974) descreve o método psicodramático incluindo, e legitimando, o psicodrama analítico.

*O método psicodramático é praticamente ilimitado em sua utilização. O núcleo do método permanece, entretanto, sem mudanças. No curso dos anos se desenvolveu uma série de formas de utilização: a) o psicodrama terapêutico, b) o psicodrama existencial (in situ), c) o psicodrama analítico, d) o hipnodrama, e) o sociodrama e o jogo de papéis (roleplaying), f) o etnodrama, g) o axiodrama, h) o psicodrama diagnóstico, i) o psicodrama didático, j) psicodança, k) psicomúsica e outras formas (p.118).*

*(...) c) Psicodrama analítico. O psicodrama analítico é uma síntese de psicodrama e psicanálise. Em 1944 propus a fusão entre o psicodrama e a teoria psicanalítica e de se chamar a essa união de psicodrama analítico (J.L. Moreno, “A Case of Paranoia treated through Psychodrama” *Sociometry*, Vol. VII, 1944, pg.325). Uma hipótese analítica, como, por exemplo, o Complexo de Édipo, é apresentada psicodramaticamente no palco. O protagonista desempenha o papel de mãe. O pai é representado por um ego-auxiliar. O analista senta-se em meio ao grupo, observa e interpreta os acontecimentos; no momento em que abandona seu papel de observador e ‘representa’ o papel de analista, aproxima-se do psicodrama clássico (p. 120).*

*(...) Psicodrama analítico de crianças. Anzieu recomenda a utilização de métodos “simbólicos” e aconselha evitar repetições diretas de situações reais. Seus egos-auxiliares não são neutros, tomam parte ativa e espontânea na dramatização, mas mantêm uma atitude cuidadosa e reflexiva. Ao contrário de Lebovici e Diatkine não há qualquer interpretação fora da produção, mas durante ela, como parte da*

*dramatização. Assim, a interpretação é “atuada” em vez de ser falada*<sup>11</sup> (pp.140-141).

Atuar e falar, me faz lembrar um precioso artigo de Camila Gonçalves (1994) sobre a questão da fala no psicodrama que recomendo, deve ser considerado também quando estamos trabalhando com crianças. Vamos *ouvi-la* um pouquinho:

*A origem do psicodrama é o teatro da espontaneidade. Por isso lembramos que o teatro é onde se fala “poeticamente”, lugar de tramas e artimanhas da palavra. Por isso, não nos parece que estejamos a caminho de resgatar a espontaneidade de alguém, quando dirigimos um teatro que interrompe a fala criativa, ou reveladora, onde já está a intensidade dramática. Ainda, se tentamos realizar o teatro a qualquer custo, podemos perder o indício de outra cena, que balbucia nas frestas da dramatização programada* (Gonçalves, 1994, p.78).

Em outra publicação referindo-se ao psicodrama com crianças, toca em assunto semelhante, acenando para o cuidado em relação à comunicação e a fluidez da espontaneidade na relação psicoterápica:

*Pessoalmente, considero o desempenho de papéis efetivamente terapêutico quando é, como escreveu Moreno, “dominado” pela espontaneidade. Apesar de, no psicodrama, o terapeuta também desempenhar papéis, essa função só interessa enquanto não impede o brincar* (Gonçalves, 1988, p. 116)

E mais:

*É importante salientar que, em uma sessão de psicodrama, o desempenho de papéis “forçado” deva ser evitado. Por outro lado, convém lembrar que o brincar, no sentido comentado, além de não consistir propriamente no uso de brinquedos é um fazer, que pode servir-se de palavras, pensamentos etc. e também de papéis* (Gonçalves, 1988, p.117).

Transitando com muita habilidade pelas teorias psicanalítica e psicodramática mostra-se sempre atenta (e ética) aos fundamentos característicos de cada um destes métodos. Perspicaz, aponta os deslizes de Moreno na teoria e na prática, declara abertamente suas escolhas e demonstra onde as articulações são ou não possíveis. Um exemplo desta atitude podemos apreciar através das palavras seguintes, quando ao discorrer sobre a questão da escuta do inconsciente, Camila adverte:

*Optar pela escuta do inconsciente no psicodrama implica em transformar o psicodrama moreniano, seguindo ou construindo um modelo de psicodrama analítico. Embora essa tenha sido a nossa opção pessoal, reconhecemos que ainda há o que explorar na teoria e no método morenianos, apesar de Moreno. Se*

---

<sup>11</sup> Carlos Alegre em artigo publicado no Brasil em 1982, entre outros aspectos interessantes, conta como faz assinalamentos a partir do papel, na dramatização com crianças (Alegre, 1980).

*estamos mais atentos para a fala do protagonista, se não conseguimos apenas a compulsão a dramatizar do autor do psicodrama, podemos encontrar caminhos elucidativos, mesmo que não nos apoiemos numa metodologia estranha (p.79).*

Considerando que as crianças ainda estão em formação, por vezes bastante comprometidas em relação ao seu desenvolvimento e ainda dependentemente vinculadas às pessoas de sua matriz de identidade, torna-se absolutamente necessário abordá-la terapêuticamente através de um método que contemple profundos conhecimentos da infância e das relações familiares — processos de maturação sócio-afetiva e cognitiva, incluindo as capacitações para a vinculação, aprendizagem, linguagem e comunicação.

Mas, como fazê-lo ética e tecnicamente sem promover uma descaracterização dos princípios socrômicos? Como fazê-lo teoricamente se não encontramos em Moreno estudos mais profundos sobre a prática do psicodrama com crianças? Como fazê-lo sem um modelo satisfatório? Acredito, aqui está o foco da dúvida proposta como tema desta mesa redonda: Existe Psicodrama com crianças?

Poderíamos então simplificar dizendo que, a rigor, o “Psicodrama com crianças” não foi *criado* por Moreno e, portanto, se “existe”, foi *criado* depois, por outros profissionais, a partir do legado socrômico. Nesta área específica Moreno *semeou*, depois *assistiu* e *apoiou* (mesmo que com algumas críticas) a quem ousou atender clinicamente as crianças através do psicodrama. Será que estarei sendo injusta com Moreno?

*Gradualmente conscientizei-me de que tinha que deixar o reino das crianças e penetrar no mundo, o mundo maior, mas, naturalmente, sempre mantendo a visão que o trabalho com as crianças tinha me dado (Moreno, 1997. p. 52).*

Para alguns psicodramatistas fiéis às práticas consideradas originais do psicodrama, o costume de utilizar princípios, conceitos e instrumentos da psicodinâmica (da escola psicanalítica) integrando-os ao psicodrama com crianças, o descaracteriza. Por este motivo, anunciaram a abolição, em suas práticas clínicas, daquilo que se refere aos recursos decorrentes de influências ditas psicanalíticas, os quais vinham sendo adotados pelos psicoterapeutas de crianças nas últimas décadas, como por exemplo: o hábito (melhor dizendo, instrumento) próprio dos psicólogos de realizar psicodiagnóstico (incluindo ou não a aplicação testes) como processo que antecipa o processo psicoterápico, psicoterapia individual, utilização de brinquedos e *interpretações*. Nesta linha de questionamento vale destacar o trabalho de Miriam Tassinari (1990), *Psicodrama com crianças: uma introdução à teoria da prática*, onde, entre outros pontos, defende a idéia de que o sujeito do processo psicodramático é todo o átomo familiar. Assim como nós, psicodramatistas de crianças, Miriam Tassinari esteve estudando o melhor jeito de usar psicodrama com crianças sem ferir os princípios morenianos.

Nada mais natural numa década em que todos estivemos (e ainda estamos) lendo e relendo Moreno para compreender, de fato, a essência e a abrangência da metodologia psicodramática. O número de publicações (nacionais e estrangeiras) sobre psicodrama produzidas a partir da releitura de Moreno, revelam esta busca, pois, esmiuçando conceitos,

esses autores propuseram redefinições, identidade psicodramática, responsabilidade e reconhecimento a Moreno.<sup>12</sup>

Para outros psicodramatistas, buscar correlações entre conceitos da Socionomia e de outras correntes tais como as da Psicanálise (S. Freud, Klein, Anna Freud, Bion, Winnicott), o Construtivismo, as Teorias de Desenvolvimento e Sistêmica, tornou-se um estimulante estudo, além de um enorme desafio técnico quando pretendem integrá-los na prática clínica.

O que se constata atualmente é que muitos de nós estamos empenhados na difícil missão de “criar formas” de fazer psicoterapia com crianças a partir de influências que incluem o psicodrama moreniano, como bem disse Camila Gonçalves (2001) ao comentar o artigo de minha autoria, “Psicoterapia através da Relação - Psicoterapia individual com crianças” (Petrilli, 2000).

Após vinte e seis anos de prática clínica e didática, ainda me encontro em busca de aperfeiçoamento em relação à metodologia psicodramática. Para muitos aspectos que envolvem o atendimento de crianças, ainda recorro aos estudos realizados por outras linhas de pensamento e pesquisa tais como os da psicanálise, terapia psicodinâmica de crianças, minha primeira formação em psicoterapia de crianças. Também tenho encontrado respaldo nas teorias sistêmica e construtivista, em especial as que desenvolvem estudos sobre famílias. Apesar disto, considero-me *irremediavelmente* envolvida com o psicodrama, conhecendo e usufruindo de suas grandezas, reconhecendo suas limitações.

Há 14 anos comemorei com muita alegria a publicação brasileira, única no gênero até o momento, *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*, livro organizado por Camila Salles Gonçalves (1988). Como o próprio nome indica, Camila e seus companheiros, co-autores, também estiveram indagando se “existe psicodrama com crianças?”. Naquela ocasião, a publicação retirou muitas de minhas dúvidas, esclarecendo as incertezas que ainda mantinha sobre a abrangência, especificidade e limitações do psicodrama. Camila, em especial, me convenceu sobre a aplicabilidade do psicodrama em crianças.<sup>13</sup> Através deste livro, consegui *pacificar* meu coração e minimizar minha *culpa* por utilizar os conhecimentos que adquiri através da psicanálise psicodinâmica integrados ao psicodrama. É verdade. Até então, eu me sentia (secretamente) constrangida em afirmar publicamente minha simpatia pela integração que Camila demonstrou com muito desprendimento e competência, sob a denominação de psicodrama analítico. Nas décadas de 1980 e 1990, não era nada difícil ser atingido por fortes olhares e palavras de censura quando as atitudes, pensamentos e práticas de psicodramatistas revelavam alguma afinidade com a psicanálise. Claro, tive receio de ser atingida!

---

<sup>12</sup> Entre os brasileiros desejo reverenciar e agradecer a alguns dos psicodramatistas que se debruçam sobre a obra de Moreno e depois, generosamente nos brindam com suas reflexões. São eles: Wilson Castello de Almeida, José Fonseca e seu grupo GEM (grupo de estudos de Moreno) do DAIMON, Moysés Aguiar, Sergio Perazzo, Camila Salles Gonçalves, Rosa Cukier, Laurice Levy, José Carlos Landini e Luis Falivene. A leitura de suas publicações tem provocado em mim, e possivelmente em outros psicodramatistas, uma nova paixão pelo psicodrama, além de uma irresistível vontade de estudar.

<sup>13</sup> Faço questão de ressaltar mais uma preciosa contribuição, oferecida por Wilson Castello de Almeida no prefácio deste livro, relacionando à proximidade entre conceitos da psicanálise e do psicodrama, em especial quando discorre sobre os *partidos do ego e do inconsciente*. Aliás, sempre me delicio com os ensinamentos e “cutucões” do colega Wilson nos editoriais da Revista Brasileira de Psicodrama e nos inúmeros prefácios e apresentações de publicações que autores brasileiros tiveram a felicidade de apreciar.

Mas Camila Gonçalves não parece ter tido este receio. Com o objetivo de demonstrar como teoria e prática se articulam definiu e redefiniu conceitos de interesse do psicodrama com crianças. Assim, esclareceu que *uma atividade como a psicoterapia, além de basear-se na formação prática do terapeuta, fundamenta-se necessariamente em teorias. Estas, por sua vez, são desenvolvidas, reformuladas ou descartadas a partir de reflexões que as confrontam com a prática* (Gonçalves, 1988, p.111).

Ela nos ensina que

*O psicodrama é, como outras, uma psicoterapia na qual a criança tem oportunidade de se expressar e de se relacionar por meio da brincadeira e do jogo. O que o caracteriza e o diferencia tecnicamente de outras ludoterapias é o preparo do terapeuta para se prontificar, muitas vezes, a propor cenas, jogos, procedimentos dramáticos e a dirigi-los, algumas vezes. Teatro do psíquico, tem cenários, ação (drama), atores que desempenham papéis e direção. Psicoterapia, favorece o brincar, o desenvolvimento da fala e o surgimento da palavra inconsciente, da qual se põe à escuta* (Gonçalves, 1988, p. 111).

Em seu livro, Camila Gonçalves (1988) presta reconhecimento aos ensinamentos de dois mestres da psicoterapia infantil, Winnicott e Melanie Klein, recomendando aos psicodramatistas aprender com eles. Faz também uma bonita e inteligente exposição sobre as questões do *brincar, do desempenho e inversão de papéis* na psicoterapia psicodramática que por limitações para esta apresentação deixo de abordá-la, como gostaria. Enfim, esta publicação que aprendo mais cada vez que releio, é um marco importante no desenvolvimento do psicodrama com crianças no Brasil. Comprovou sim, que psicodrama com crianças é uma psicoterapia possível.

Assim como cada um de nós, psicodramatistas, o movimento psicodramático amadureceu e se tornou mais responsável em suas críticas, *verticalizou* seus estudos, têm se apossado da socrionomia moreniana e, com isto, tem se tornado muito mais competente. Resultado de uma verdadeira *maratona* de estudos, leituras e re-leituras, assim como novas interpretações da obra de Moreno, inúmeras publicações de renomados psicodramatistas (re) direcionaram nossos olhares para a origem e também para a mudança de paradigmas que temos vivenciado na atualidade e que não podemos ignorar. Em outras palavras, estamos participando da co-criação e legitimação de um psicodrama contemporâneo, com respeito ético às suas origens.<sup>14</sup>

Em termos de perspectivas, creio, estamos num momento em que o psicodrama com crianças, mais do que nunca pode vislumbrar um terreno fértil para seu efetivo desenvolvimento. Partindo das contribuições que atualmente povoam nossa literatura, temos melhores condições de refletir, discutir com seriedade e ética a teoria e a prática psicodramática visando o público infantil. Mais amadurecidos, hoje temos condições de avaliar criteriosamente os alcances e os limites que precisamos nos defrontar para *criar* o psicodrama

---

<sup>14</sup> Algumas publicações mais recentes merecem destaque tais como: *Astros e Ostras: uma visão cultural do saber psicológico*, de Domingos Junqueira de Brito (Brito, 1998); *Psicoterapia da relação: elementos do psicodrama contemporâneo*, de José Fonseca (Fonseca, 2000); *Integrando Diferenças: possíveis caminhos da vivência terapêutica*, de Laurice Levy (Levy, 2000.); *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*, de vários autores (Costa, 2001); *A ética nos grupos: contribuição do psicodrama*, de vários autores (Almeida et. al. 2002).

para crianças e não apenas *adaptar* à infância o psicodrama praticado com adultos. Para isto, torna-se imprescindível repensar as teorizações socionômicas a partir das re-interpretações e atualizações da obra de Moreno, contextualizando-as pela ótica da aplicabilidade à infância, assim como o fizeram algumas de nossas colegas há mais de uma década. Neste repensar, não descarto, mas ao contrário, recomendo, considerarmos os estudos de muitas das disciplinas que podem nos ajudar, tais como as das ciências sociais, as teorias de comunicação, teorias de desenvolvimento, sistêmica, semiótica, entre outras. No entanto, ao convidá-los para esta aventura, prefiro fazê-lo desejando que sejamos iluminados pelas sabias palavras de Wilson Castello de Almeida, enunciadas no prefácio do livro de Camila Gonçalves (1988):

*O Psicodrama é proposta singular de tratamento do psiquismo, dos sentimentos, do comportamento e da relação humana, permitido pelo teatro espontâneo e criativo, privilegiando o grupo, com teorias singelas, técnicas simples e significado profundo, despontado da vivência e da leitura atenciosa das idéias de seu criador, J.L. Moreno. Enveredar-se por outras noções antes de se ter assimilado suas bases socionômicas é correr o perigo de se transformar proposição forte e original em técnica pífia e secundária e, por isso, só após vencer o rubicão moreniano, o profissional irrequieto e curioso autoriza-se a diferentes (a)venturas (p.7).*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRE, C. A. (1980) “Psicodrama para crianças”. IN: BUSTOS, D. *O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo, Summus, 1982.
- ALMEIDA, W.C. et. al. *A ética nos grupos: contribuição do psicodrama*, São Paulo, Ágora, 2002.
- ANZIEU, D. *Psicodrama analítico*. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
- BRITO, D.J. de. *Astros e Ostras: uma visão cultural do saber psicológico*. São Paulo, Ágora, 1988.
- COSTA, F.M. (Org) *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- COSTA, R. P. da. (Org) *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*, São Paulo, Ágora, 2001.
- FERRARI, D.C.A. e LEÃO, H.M.G. “Psicodrama infantil: teoria e prática”. *Revista da FEBRAP*, ano 6, nº 2, 1984, pp. 50-64.
- FONSECA, J. *Psicodrama da Loucura*. São Paulo, Ágora, 1980.
- FONSECA, J.L. *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo, Ágora, 2000.

- GONÇALVES, C. S. *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo, Ágora, 1988.
- GONÇALVES, C.S. “A questão da fala no psicodrama”. IN PETRILLI, S.R.A. *Rosa-dos-ventos da teoria do psicodrama*. São Paulo, Agora, 1994.
- GONÇALVES, C. S. “Resenha de Psicoterapia da relação: Elementos do psicodrama contemporâneo”. *Revista Brasileira de Psicodrama*, vol.9, nº 1, 2001. pp.105-109.
- KESTEMBERG, E. e JEAMMET, P. *O psicodrama psicanalítico*. São Paulo, Papirus, 1989.
- LEVY, L. *Integrando diferenças: possíveis caminhos da vivência terapêutica*, São Paulo, Ágora, 2000.
- NAVARRO, L. *Talento para ser feliz*, São Paulo, Gente, 2ª edição, 2000.
- MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- MORENO, J.L. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo, Summus, 1983.
- MORENO, J.L. *Autobiografia*. Tradução de Luiz Cushnir, São Paulo, Saraiva, 1997.
- MORENO, Z.T. *Psicodrama de crianças*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- PAVLOVSKY, E. *Clínica grupal I*. Buenos Aires, Busqueda, 1975.
- PAVLOVSKY, E. *Psicoterapia de grupo em niños y adolescentes*. Madrid, Fundamentos, 1981.
- PERES, V. L. A. “Psicodiagnóstico infantil – a utilização dos modelos psicanalítico e psicodramático”. *Revista da Febrap*, Ano 7, Nº 3. 1985 pp.101-122.
- PETOT, J.M. *Melanie Klein I*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- PETRILLI, S.R.A. “Abordagem psicodramática de uma criança e seus pais”. *Revista da FEBRAP*, ano 1, nº 6, 1984. pp. 106-109.
- PETRILLI, S.R.A. “A postura psicodramática em um processo psicoterápico infantil e seu valor terapêutico familiar”, *Revista da FEBRAP*, ano 7, nº 3, 1985. pp. 83-100.
- PETRILLI, S.R.A. “Notas sobre o psicodiagnóstico de crianças na prática psicodramática”. Apresentado no 8º Congresso Brasileiro de Psicodrama, São Paulo, 1992.
- PETRILLI, S.R.A. (Org). *Rosa-dos-ventos da teoria do psicodrama*, São Paulo, Ágora, 1994.
- PETRILLI, S.R.A. “Psicodrama grupal com crianças: um exemplo de trabalho sobre a posição da criança na relação triangular (notas preliminares)”. Apresentado no 12º Congresso Internacional de Psicoterapia de grupo – IAGP, Buenos Aires, 1995.
- PETRILLI, S.R.A. “Psicodrama com crianças - Uma psicoterapia em desenvolvimento”. *Revista Catharsis* Ed. 4 nº1, 1995.
- PETRILLI, S.R.A. “Psicoterapia através da relação” IN: FONSECA, J.L. *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo, Ágora, 2000. pp. 355-389
- PETRILLI, S.R.A. “Criança sem limites”. Apresentado no XII Congresso Brasileiro de Psicodrama, Águas de São Pedro, 2000.
- PETRILLI, S.R.A. e RUGGIERO, D.A. “Psicoterapia com pré-adolescentes”, *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Psicodrama*, Salvador, 1988, pp. 97-116.
- PETRILLI, S.R.A. et. al. “A vitimização física e sexual na família: uma experiência de atendimento psicoterápico do Dpto. de Psicodrama do inst. Sedes Sapientiae, em convênio com a Secretaria do menor do Governo do Estado de São Paulo”. *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Psicodrama*, Salvador, 1988, pp.154-168.
- PETRILLI, S. e LEVY, L. “Psicodrama: é possível preparar a criança para ser um adulto de sucesso?”. *Anais do II Congresso Ibero-americano de Psicodrama*, Águas de São Pedro, 1999, pp.576-586.
- OLIVEIRA, Z. M.R. “A criança e seu desenvolvimento nas teorias de moreno, Vygotsky e Wallon” IN: PUTTINI, E.F. e LIMA, L.M.S. *Ações educativas: vivências com psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo, Agora, 1997. pp. 125-138.
- ROZA, E. S. *Quando brincar é dizer: a experiência analítica na infância*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999.
- TASSINARI, M. “Psicodrama com crianças: uma introdução à teoria da prática”. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Psicodrama*. Rio de Janeiro, Febrap, 1990. pp. 94-112.
- VON HUG-HELLMUTH, H. “On the Technique of Child Analysis”. *International Journal of Psycho-Analysis*, 1922, vo.II, pp.287-288.

- WECHSLER, M. P. F. “A matriz de Identidade numa perspectiva construtivista: Locus de construção de conhecimento”. *Revista Brasileira de Psicodrama*, vol.5, nº1, 1997, pp. 21-28.
- WECHSLER, M. P. F. *Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget*. São Paulo, Annablume, 1998.
- WECHSLER, M. P. F. *Psicodrama e Construtivismo: uma leitura psicopedagógica*. São Paulo, Annablume, 1999.
- WIDLÖCHER, D. *Psicodrama infantil*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- WOLFF, J.R., GONÇALVES, C. S. e ALMEIDA, W.C. *Lições de psicodrama*. São Paulo, Ágora, 1988.
- 

**Silvia Regina Antunes Petrilli**

R. Havaí, 78 Sumaré 01259-000 S. Paulo – SP

Tel/Fax: (11) 3673-6568 / 3862-1169

E-mail: [silpetr@uol.com.br](mailto:silpetr@uol.com.br)